



ARTE BACANUDA DO ARTISTA PLÁSTICO DECO FARKAS PARA O ENCARTE DO ÁLBUM



FAUSE HATEN COMO O ELEGANTÍSSIMO YVES SAINT LAURENT

TEATRO

FEIA DE FAUSE

Fragmentos biográficos e literários se fundem na peça *A Feia Lulu*, uma performance artística que apresenta uma fusão de trechos da vida do estilista Yves Saint Laurent, do livro criado pelo francês, *La Vilaine Lulu*, e de falas autobiográficas de Fause Haten. É ele o estilista brasileiro que interpreta o personagem, em sua estreia no teatro, e quem dirigiu

a peça em um processo colaborativo com outros cinco artistas, que também co-assinam o roteiro. “Yves Saint Laurent sofria de dores profundas. Como poderia ser tão infeliz em um mundo tão perfeito?”, questiona Fausen. No Teatro FAAP até 3 de julho, com ingressos a 60 reais. Informações e vendas pelo telefone (11) 3662-7233.

DANÇA

PEDACINHOS ONÍRICOS

As imagens da fotógrafa norte-americana Brooke Shaden não são deste mundo. E não é só pela beleza extasiante dos movimentos que sua câmera suspende no tempo, mas pelos elementos oníricos que ela insere na pós-produção. Formada em Cinema, Brooke faz questão de dizer em suas entrevistas que é uma contadora de histórias. “Crio imagens enraizadas na realidade, mas com qualidades que não são deste mundo. Crio mundos nos quais gostaria que vivêssemos e conto histórias que vivem em minha cabeça”, poetiza em seu site. www.brookeshaden.com



THE TUMBLEWEED TALE

2



ARTE

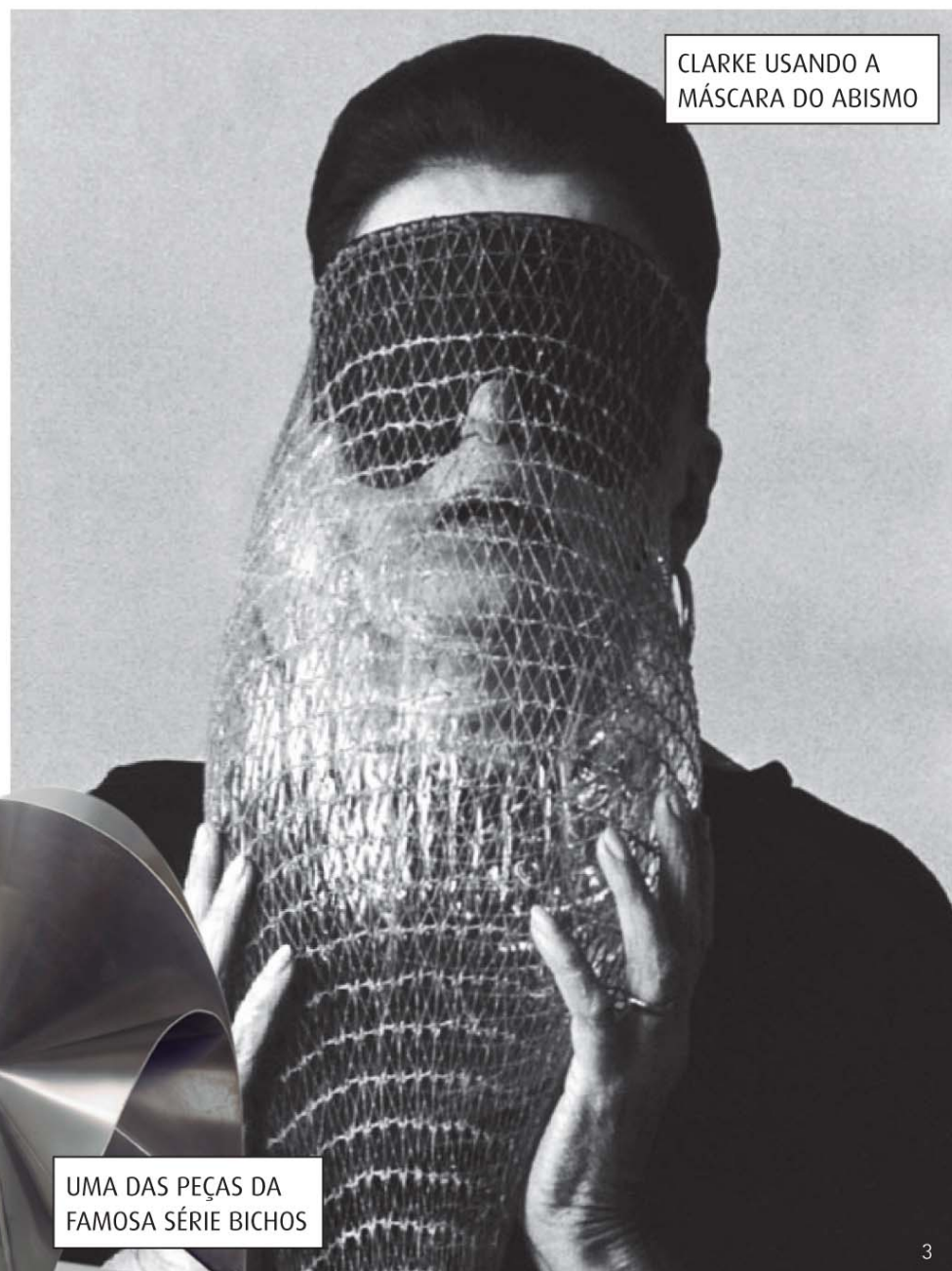
BATIDA DO CRIOLO DOIDO

Em uma banda que reúne 13 músicos diferentes, não é de se espantar que o som resultante seja uma mistura de influências que poderia dar errado – mas não dá. Prova do talento do grupo de música instrumental Batuntã é o primeiro álbum em 14 anos de carreira, que se concretizou com a ajuda dos 20 mil reais arrecadados em um site de financiamento coletivo. “Enquanto pesquisávamos ritmos, criávamos muitas levadas originais, que funcionam como um reservatório de levadas”, diz Daniel Ayres, um dos integrantes, sobre o processo de criação do CD que leva o nome da banda. O trabalho reúne linguagens até então díspares, como maracatu, drum’n’bass, flamenco, afrobeat e jazz, mas que, sob o talento do grupo, se harmonizam encantadoramente e de maneira orgânica. O CD está disponível para download gratuito pelo site da banda e vale (muito) a pena ser baixado. www.batunta.com

ARTES PLÁSTICAS

TOQUE, POR FAVOR

Depois de ter a tela *Superfície Modulada nº4* arrematada por 5,3 milhões de reais, no final do ano passado, se tornando a obra de arte brasileira mais cara já vendida, a mineira Lygia Clark terá sua primeira grande exibição na América do Norte. No próximo dia 10 de maio, o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) inaugura a exposição *The Abandonment of Art 1948–1988*, que incluirá quase 300 trabalhos da pintora e escultora, que faleceu em 1988. “Lygia Clark trouxe uma proposta de interação com suas obras e exploração dos sentidos e do corpo por meio da arte, algo bastante frequente na arte contemporânea atual”, diz o professor de arte Thiago Goya. As obras da artista estarão organizadas sob três grandes temas: abstracionismo, neoconcretismo e o abandono da arte. A mostra fica aberta ao público até 24 de agosto, em Nova York. www.moma.org



CLARKE USANDO A MÁSCARA DO ABISMO

UMA DAS PEÇAS DA FAMOSA SÉRIE BICHOS





VIRADA CULTURAL

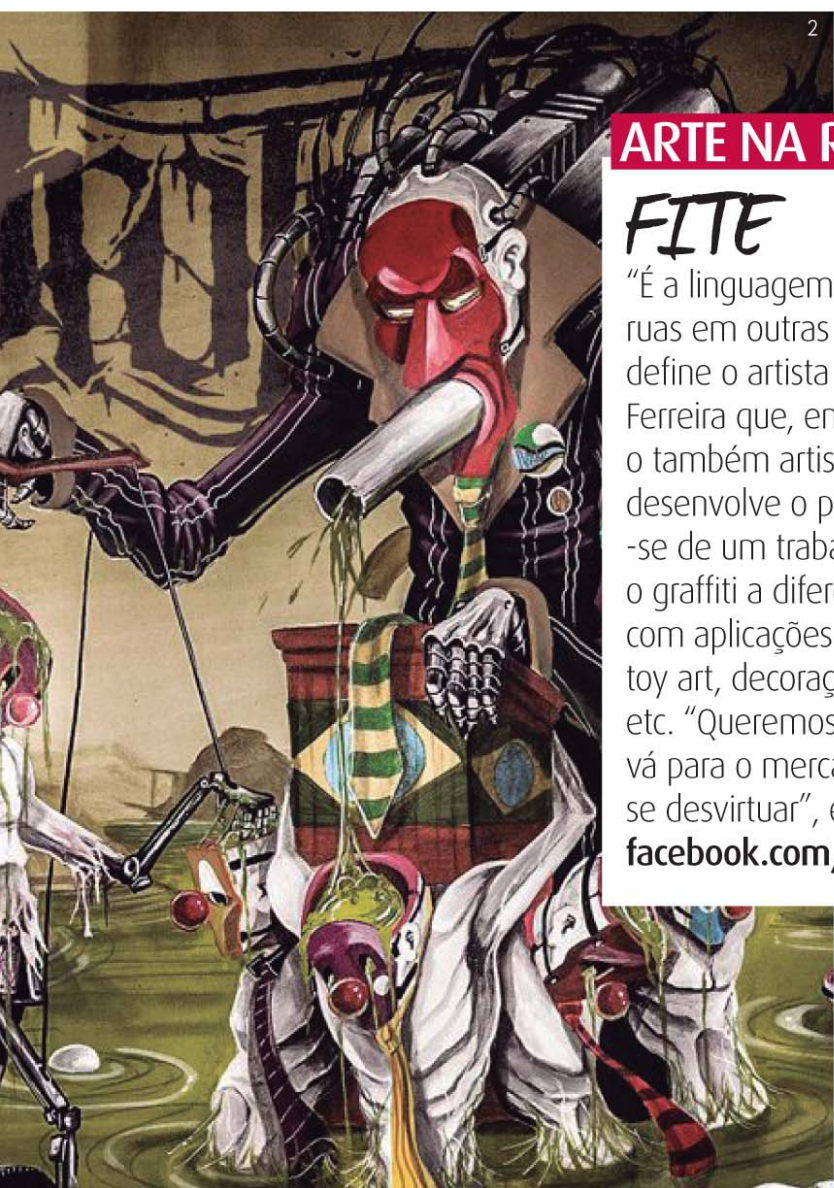
Flor em Sorocaba

A melódica voz da cantora Tulipa Ruiz vai acarinhar ouvidos, no próximo dia 24, quando ela se apresenta em Sorocaba, durante a programação da Virada Cultural Paulista 2014. Apresentando o repertório de *Tudo Tanto* pela primeira vez na cidade, é de se aguardar ansiosamente pela hipnotizante *Vibora*, faixa que encerra seu último CD e mantém seus gritos ecoando pelo silêncio que segue. O show será às 22h30, no Parque Maestro Nilson Lombardi. Mais informações: www.facebook.com/viradasp.

EXPOSIÇÃO

FEITOS A MÃO

Os desenhos com caneta esferográfica do artista Murilo de Gusmão continuarão suas linhas pelas paredes da Ocupação LaPaz, em Sorocaba, durante o mês de maio. O espaço abriga uma exposição de 14 originais que resumem a carreira do desenhista. “Comprar arte é muito caro. A ideia [da exposição] é que as pessoas possam levá-la para casa, trazê-la para a realidade”. Para isso, estarão à venda 131 reproduções que serão vendidas a preços acessíveis nos tamanhos 10cm x 10cm, A5 e A4. O espaço fica na Rua Dr. Paula Souza, 185. www.facebook.com/ocupacaolapaz



ARTE NA RUA

FITE

“É a linguagem do graffiti das ruas em outras plataformas”, define o artista plástico Will Ferreira que, em parceria com o também artista Michel Japs, desenvolve o projeto Fite. Trata-se de um trabalho que adapta o graffiti a diferentes espaços, com aplicações em websites, toy art, decoração, estamparia etc. “Queremos que o trabalho vá para o mercado, mas sem se desvirtuar”, explica. www.facebook.com/fiteart



LINGUAGEM JAZZÍSTICA

O show é de jazz, mas o repertório inclui Nirvana, Michael Jackson, Madonna e Britney Spears. O que poderia ser uma heresia para alguns fãs de jazz é apenas um motivo para o grupo de amigos Oito do Bem se encontrar e se divertir tocando. Antes de apresentar suas versões jazzísticas para clássicos do pop em um show no Kapitän Food & Music Bar, em Sorocaba, o saxofonista Derico Sciotti, do Sexteto do Jô e integrante da banda, conversou com a BIANCHINI.

QUAL A PROPOSTA DA BANDA AO MISTURAR POP E JAZZ? A Oito do Bem tem como principal foco juntar amigos para tocar. Temos uma filosofia de fazer com que a banda seja um ponto de encontro de oito amigos, sendo que cada um faz seu negócio e encontra na Oito do Bem uma forma da gente se ver e tocar. O repertório atinge a nós, pelo gosto de tocar, pela dificuldade dos arranjos, e também para que o público venha a curtir. Queremos disseminar a linguagem de jazz para um público que é pop.

E COMO VOCÊS CONSEGUEM ISSO? Com um som agradável, de qualidade, palatável para que as pessoas entendam, ouçam e reconheçam. Não é jazz tradicional. É uma linguagem nossa. Qual a minha influência? O Jô, que não tem nada a ver com música, mas é do entretenimento, do show business, do esquema que estamos querendo fazer aqui.

E COMO É A FORMATAÇÃO DESSE REPERTÓRIO INUSITADO? Temos dois alicerces dentro da banda que são as molas propulsoras do repertório, o Ed Cortes e o Marcos Romera. São eles que trazem as ideias de arranjo para gente. “Pô, isso aqui deu certo, isso não. Bee Gees é legal, mas se a gente fizer Michel Teló não vai dar certo”. Então, tem umas coisas que a gente vai se baseando para fazer com que a banda ande. Tem coisas que, por exemplo, o Tony [Gordon, vocalista] diz que não se sente confortável cantando, “opa, então tira”. Porque a ideia é fazer com que a gente se divirta. Temos que nos sentir confortáveis no palco fazendo o melhor que a gente pode dentro daquilo que a gente sabe.

VOCÊS TIVERAM UM PROJETO APROVADO PELO PROAC. COMO SERÁ O DESENVOLVIMENTO DELE? Temos 22 shows para fazer pelo estado de São Paulo, fora a temporada aqui em Sorocaba. A Oito do Bem vai caminhar bem este ano. É uma banda grande, não é uma logística fácil. É específica, mas é um específico que dá resultado.